

PAISAGENS TERRENAS: NIETZSCHE E CLARICE LISPECTOR

Luiz Lopes

Centro Federal de Educação
Tecnológica de Minas Gerais -
CEFET-MG.

E

Resumo

Em um dos capítulos de *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche enuncia, por meio de sua personagem Zaratustra, o amor a uma paisagem terrena, que seria, no início e ao cabo, a privilegiada visão possível ao homem e a singular paisagem querida. Ele diz: “Mas nós não queremos entrar no reino dos céus: tornamo-nos homens – *assim, queremos o reino da terra*”. Tal afirmativa coloca em questão a “fidelidade à terra” tão proclamada por Nietzsche em vários momentos de Zaratustra e em outros livros, como *A gaia ciência* e *Crepúsculo dos ídolos*. De modo similar a esse pensamento trágico, que elege fios condutores como o corpo, o amor ao terreno e a alegria trágica diante da existência, a escritura de Clarice Lispector parece também encenar um gesto afirmativo que diz ‘sim’ ao terreno. Em *A paixão segundo G.H.*, a escritora, por meio de sua personagem, conduz o leitor por uma paisagem terrena na qual encontramos uma “redenção” no aqui e no agora, uma redenção que parodicamente se efetua pela eliminação de qualquer além-mundo. Em Clarice, assim como em Nietzsche, há uma defesa do corpo, do *amor fati* e da fidelidade à terra. O diálogo entre o filósofo alemão e a escritora brasileira permite entrever afinidades agudas entre esses dois autores que, sobretudo, acreditaram numa experiência terrena que se abre para a alegria e revela, nesse sentido, uma potente força revolucionária acolhida por aqueles que elegem a paisagem terrena como uma imagem do sagrado.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Nietzsche. Pensamento trágico.

O divino para mim é o real. (LISPECTOR, 2009)

O ano de 1964 marca o surgimento de um dos textos mais complexos de Clarice Lispector. Falo da publicação de **A paixão segundo G. H.**, considerado por grande parte da crítica (GOTLIB, 2009; NUNES, 2009; SOUSA, 2000) como o texto mais bem acabado da autora, ainda que falar do acabado seja, em se tratando de Clarice, um grande desvio de suas propostas éticas e estéticas¹. Interessa-me nesse livro o fato de

a escritora se aproximar de um pensamento trágico, no qual um dos vetores seria a questão da afirmação do terreno, ou, para falar ainda mais propriamente com Nietzsche, uma tentativa de “fidelidade à terra”. Dito de outro modo, em Clarice aparece de modo muito particular e com contornos bem definidos o que estou chamando de uma “paisagem terrena”. Na contramão de discursos que tentam sublinhar a existência do além, onde pretensamente haveria uma redenção, a paz almejada por tantas pessoas e o ideal de uma alegria fácil, Clarice e Nietzsche são vozes que destoam dessas propostas ao afirmarem uma beleza do aqui e do agora, uma alegria trágica ou difícil², encenando assim uma dimensão terrena que, para esses escritores, é a única possível de ser vista, experimentada e amada.

Para iniciar uma reflexão em torno dos textos desses autores, tomo o capítulo “A festa do asno”, de **Assim falou Zaratustra**, porque nele é possível entrevermos essa paisagem terrena em Nietzsche. Nesse capítulo, o filósofo alemão escreve sobre alguns homens que não aspiram ao reino dos céus, pois, ao se tornarem homens, desejam antes o reino da terra:

Sem dúvida: se não vos tornardes criancinhas, não entrareis nesse reino dos céus. (e Zaratustra apontou com as mãos para cima.) Mas nós não queremos entrar no reino dos céus: tornamo-nos homens – assim, queremos o reino da terra (NIETZSCHE, 2011, p. 300, grifos do autor).

Nesse trecho, existe a perspectiva de tornar-se homem, o que significa, sobretudo, não possuir mais nenhuma pretensão de redenção. Isso requer uma atitude de sentir, ver e fazer o mundo a partir de outros olhos. Talvez a grande questão aqui seja eleger como sagrado não mais o além-mundo, mas a própria terra.

Em um fragmento de **A paixão segundo G.H.**, a narradora-personagem diz algo semelhante, ao enfatizar que sua redenção não está em um além, mas acontece a cada instante, no agora, ou, como G.H. diz, no “tempo inchado até os limites”³: “Sei

1 “Eu não quero mais o movimento completado que na verdade nunca se completa, e nós é que por desejo completamos; não quero mais usufruir da facilidade de gostar de uma coisa só porque, estando ela aparentemente completada, não me assusta mais, e então é falsamente minha – eu, devoradora que era das belezas.” (LISPECTOR, 2009, p. 159).

2 “Este livro é como um livro qualquer. Mas eu ficaria contente se fosse lido apenas por pessoas de alma já formada. Aquelas que sabem que a aproximação, do que quer que seja, se faz gradualmente e penosamente – atravessando inclusive o oposto daquilo que se vai aproximar. Aquelas pessoas que, só elas, entenderão bem devagar que este livro nada tira de ninguém. A mim, por exemplo, o personagem G.H. foi dando pouco a pouco uma alegria difícil; mas chama-se alegria.” (LISPECTOR, 2009, p. 5).

3 “Finalmente, meu amor, sucumbi. E tornou-se um agora. Era finalmente agora. Era simplesmente agora. Era assim: o país estava em onze horas da manhã. Superficialmente como um quintal que é verde, da mais delicada superficialidade. Verde, verde – verde é um quintal. Entre mim e o verde, a água do ar. A verde água do ar. Vejo tudo através de um copo cheio. Nada se ouve. No resto da casa a sombra está toda inchada. A superfície madura. São onze horas da manhã no Brasil. É agora. Trata-se exatamente de agora. Agora é o tempo inchado até os limites.” (LISPECTOR, 2009, p. 79).

que o que estou sentindo é grave e pode me destruir. Porque – porque é como se eu estivesse me dando a notícia de que o reino dos céus já é” (LISPECTOR, 2009, p. 148). Depois de falar dessa constatação que pode destruir pela sua potência, a narradora ainda completa:

Pois prescindir da esperança significa que eu tenho que passar a viver, e não apenas a me prometer a vida. E este é o maior susto que eu posso ter. Antes eu esperava. Mas o Deus é hoje: seu reino já começou (LISPECTOR, 2009, p. 148).

A intuição da personagem-narradora me faz lembrar um pouco daquela outra percepção do aforismo 125, de **A gaia ciência**, quando o homem louco grita, perguntando a todos que encontra, onde estaria Deus. Ele mesmo responde, dizendo que todos ali o mataram: “Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós, ao desatar a terra do seu sol?” (NIETZSCHE, 2001, p. 147-148) Nesse aforismo, Nietzsche fala sobre a morte de Deus e usa metáforas como mar, horizonte e sol para se referir à entidade que os homens teriam matado. É sabido que, na verdade, a morte de Deus representa, no contexto nietzschiano, o desmoronamento de toda verdade dogmática, significa perder um circuito de valores e, portanto, ter que construir novos modos de sentir, de viver.

É exatamente sobre esse momento em que precisamos eleger novas formas de existência, já que consumimos uma antiga, que fala **A paixão segundo G.H.** Vale citar que o romance se inicia com a narradora-personagem dizendo que pretende relatar algo que lhe aconteceu. Essa ocorrência é justamente a de uma perda: ela perdeu algo e, depois dessa perda, percebe que foi possível continuar a viver. Ao contrário de se entregar a um niilismo reativo, ela inaugura em sua vida um niilismo ativo. “Perdi alguma coisa que me era essencial, e que já não me é mais. Não me é necessária, assim como se eu tivesse perdido uma terceira perna que até então me possibilitava de andar, mas que fazia de mim um tripé estável” (LISPECTOR, 2009, p. 10). Do encontro entre a mulher e a barata, surge uma possibilidade de alegria, que significa o encontro com o imundo, com o terreno, com o neutro.

O que temia eu? Ficar imunda de quê?

Ficar imunda de alegria.

Pois agora entendo que aquilo que eu começara a sentir já era a alegria, o que eu ainda não reconhecera

nem entendera. No meu mudo pedido de socorro, eu estava lutando era contra uma vaga primeira alegria que eu não queria perceber em mim porque, mesmo vaga, já era horrível: era uma alegria sem redenção, não sei te explicar, mas era uma alegria sem a esperança. (LISPECTOR, 2009, p. 72)

4 “Segura a minha mão, porque sinto que estou indo. Estou de novo indo para a mais primária vida divina, estou indo para um inferno de vida de vida crua. Não me deixes ver porque estou perto de ver o núcleo da vida – e, através da barata que mesmo agora revejo, através dessa amostra de calmo horror vivo, tenho medo de que nesse núcleo eu não saiba mais o que é esperança.” (LISPECTOR, 2009, p. 59).

Apesar de lutar contra uma vaga primeira alegria, G.H. consegue, depois, se entregar aos poucos a esse modo de vida⁴, que não requer uma redenção e que ocorre sem nenhuma esperança. Como explica Clément Rosset, em seu livro **Alegria: a força maior**, “uma das marcas mais seguras da alegria é, para empregar um qualitativo com ressonâncias desagradáveis sob vários aspectos, seu caráter totalitário” (ROSSET, 2000, p. 7). Não é possível se alegrar parcialmente e nem tampouco se alegrar a partir de uma esperança ou perspectiva de redenção em qualquer além: a alegria se dá no “instante-já”, envolvendo o homem em seu caráter totalitário, já que aquele que se contenta consegue afirmar tudo, como dizia Nietzsche: “Dissestes alguma vez *Sim* a um só prazer? Oh, meus amigos, então dissestes também sim a todo sofrimento. Todas as coisas são encadeadas, emaranhadas, enamoradas” (NIETZSCHE, 2011, p. 307).

Em **A paixão segundo G.H.**, paulatinamente, a narradora-personagem vai se entregando a esse enamoramento do mundo, permitindo-se ficar i-munda, permanecer no mundo, e, nesse sentido, ela enuncia aquilo que no *Zarathustra* aparece como fidelidade à terra. Nietzsche afirma, por meio de Zarathustra, “eu vos imploro, irmãos, *permaneço fieis à terra* e não acrediteis nos que vos falam de esperanças supraterras! São envenenadores, saibam eles ou não” (NIETZSCHE, 2011, p. 14). Esse desejo de fazer com que a terra tenha um sentido, criar novos valores que possam afirmar a beleza e a crueldade de permanecer no mundo, aparece em vários momentos do pensamento de G.H. É por isso que ela diz que se sentia imunda, mas também descobre que o imundo não é reativo, já que aquele que se permite comer do imundo descobre também sua beleza⁵.

5 “E a lei manda que, quem comer do imundo, que o coma sem saber. Pois quem comer do imundo sabendo que é imundo – também saberá que o imundo não é imundo. É isso?” (LISPECTOR, 2009, p. 72).

Eu me sentia imunda como a Bíblia fala dos imundos. Por que foi que a Bíblia se ocupou tanto dos imundos, e fez uma lista dos animais imundos e proibidos? por que se, como os outros, também eles haviam sido criados? E por que o imundo era proibido? Eu fizera o ato proibido de tocar no que é imundo. (LISPECTOR, 2009, p. 70)

6 “Ah, pelo menos eu já entrara a tal ponto na natureza da barata que já não queria fazer nada por ela. Estava me libertando de minha moralidade, e isso era uma catástrofe sem fragor e sem tragédia”. (LISPECTOR, 2009, p. 85).

A personagem de Clarice Lispector não só comete um ato proibido, num claro discurso com teor paródico, mas, sobretudo, se permite permanecer fiel à terra, adorando o imundo, o precário e mesmo a crueldade que existem no mundo. De fato, G.H., como ela mesma diz, opera um movimento de se libertar de sua moralidade⁶, uma moralidade cristã que repudia o aqui, para afirmar um além. Quando falamos de crueldade, estamos também querendo dizer que Clarice, assim como Nietzsche e Artaud e outros criadores trágicos, era uma escritora consciente da natureza de sua linguagem. Sua escrita é aquela que apenas se afirma como beleza trágica e terrena e se elabora por meio do fio condutor do corpo. Daniel Lins, em ensaio intitulado “A escrita das origens: Artaud e Nietzsche”, observa que tanto para Nietzsche como para Artaud

o fundamento da palavra é físico. À maneira de Nietzsche, a linguagem é percebida por Artaud como barulho, desarmonia, encrespamento, queixa inarticulada de uma palavra nascida na produção dos contatos esfarrapados (LINS, 1999, p. 123).

Acreditamos que o mesmo pode ser afirmado sobre a literatura de Clarice. Ela escreve com o corpo e, de certa forma, a perspectiva que Nietzsche sublinha no capítulo “Do ler e escrever”, de **Assim falou Zaratustra**, quando enuncia que “de tudo escrito, amo apenas o que se escreve com o próprio sangue. Escreve com sangue: e verás que sangue é espírito” (NIETZSCHE, 2011, p. 40), aparece também em **A paixão segundo G.H.**, no momento em que a narradora diz indiretamente que sua escrita ocorre a partir de um acontecimento que se refere à experiência de atravessar o inferno. Para ela, esse inferno “é a boca que morde e come a carne viva que tem sangue” (LISPECTOR, 2009, p. 120). Essa perspectiva imanente aparece também quando Clarice escreve:

Eu via que o inferno era isso: a aceitação cruel da dor, a solene falta de piedade pelo próprio destino, amar mais o ritual da vida que a si próprio – esse era o inferno, onde quem comia a cara viva do outro espojava-se na alegria da dor. (LISPECTOR, 2009, p. 120).

A busca de escrita de Clarice Lispector, assim como a de Nietzsche, tem a ver com o desejo de criar no texto uma dimensão mundana, na qual nenhuma parcela da vida pode ser excluída. Esses textos precisam se fazer a partir do precário, do incompleto, do visceral, pois só assim essas escritas

testemunham o desejo maior de afirmação dessa paisagem terrena que também é o próprio problemático. Não cabe nessa paisagem da escrita a piedade, como diz Clarice: “Porque nesse fruir não havia piedade. Piedade é ser filho de alguém ou de alguma coisa – mas ser o mundo é a crueldade. As baratas se roem e se matam e se penetram em procriação e se comem num terno verão que anoitece [...]” (LISPECTOR, 2009, p. 123). O que tentamos salientar aqui é que o desejo de afirmação incondicional da paisagem terrena, ou seja, desse mundo tal qual podemos experimentar, ocorre em Clarice a partir do anseio de G.H. de se misturar ao mundo, entregando-se de forma indiscriminada a todas as possibilidades de experiências⁷, contatos e contágios, mas também por meio de uma escrita que encena, de outro modo, a precariedade dessa aceitação do mundo.

7 “Na vida e na morte tudo é lícito, viver é sempre questão de vida-e-morte”. (LISPECTOR, 2009, p. 151).

8 “Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas: – assim me tornarei um daqueles que fazem belas as coisas. *Amor fati* [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja desviar o olhar! E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz sim!” (NIETZSCHE, 2001, p. 188, grifos do autor).

Nesse sentido, Nietzsche e Clarice, já que o próprio estilo de Nietzsche também sublinha essa precariedade do mundo, se encontram mais uma vez ao serem criadores que acreditaram no *amor fati*⁸. Ao que parece, esses dois escritores engendram textos pensantes (NASCIMENTO, 2013), que nos permitem aproximarmo-nos dessa perspectiva de afirmação alegre da vida, da existência tal como ela se apresenta, em sua carga de alegria, mas também em sua parcela de angústia. Em Clarice e Nietzsche existe algo de heroico e o heroísmo trágico desses autores incide justamente em elaborarem escritas que colocam homens indo “ao encontro, simultaneamente, da sua dor suprema e da sua esperança suprema” (NIETZSCHE, 2001, p. 185). Talvez a única questão seja entender que essa esperança não é projetada para frente, mas trata-se de uma nova sorte de esperança, que Gilles Deleuze chamaria de confiança. Num universo em que os homens ressentidos querem nos incitar a perder a confiança numa vida alegre aqui, neste mundo, Clarice e Nietzsche, cada qual a seu modo, elaboram escritas da coragem, da coragem de dizer sim. Deleuze, em seu texto “Controle e devir”, lembra-nos que “acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele” (DELEUZE, 1992, p. 222).

Acreditar no mundo é não deixar de afirmar uma “paisagem terrena”, na qual invariavelmente precisamos ver a alegria, mas também a tristeza. Do contrário, estaríamos confiando num mundo do além. E os ressentidos não querem outra coisa que não fazer com que esperemos nesse outro mundo. Nietzsche e Clarice sabiam sobre essa desapropriação do próprio mundo, do homem que se vê sem o mundo. Ao contrário dessa lógica

de enfeixar o mundo, Clarice quer em sua escrita falar de uma possibilidade de nascermos para o mundo e aceitarmos morrer nesse mundo. Como disse certa vez Jean-Luc Nancy (2014, p. 73), “nascer no mundo é nascer mundo”, é decidir habitar o terreno sem outras promessas. Um último fragmento, agora de *Água viva*, ajuda-nos a pensar nesse “nascer mundo”, tão intenso no universo de *A paixão segundo G.H.*

Mas eu denuncio. Denuncio nossa fraqueza, denuncio o horror alucinante de morrer – e respondo a toda essa infâmia com – exatamente isso que vai agora ficar escrito – e respondo a toda essa infâmia como alegria. Puríssima e levíssima alegria. A minha única salvação é a alegria. Uma alegria atonal dentro do it essencial. Não faz sentido? Pois tem que fazer. Porque é cruel demais saber que a vida é única e que não temos como garantia senão a fé em trevas – porque é cruel demais, então respondo com a pureza de uma alegria indomável. Recuso-me a ficar triste. Sejamos alegres. Quem não tiver medo de ficar alegre e experimentar uma só vez sequer a alegria doida e profunda terá o melhor de nossa verdade. Eu estou – apesar de tudo oh apesar de tudo – estou sendo alegre neste instante-já que passa se eu não fixá-lo com palavras. Estou sendo alegre neste mesmo instante porque me recuso a ser vencida: então eu amo. Como resposta. Amor pessoal, amor it, é alegria: mesmo o amor que não dá certo, mesmo o amor que termina. E a minha própria morte e a dos que amamos tem que ser alegre, não sei ainda como, mas tem que ser. Viver é isto: a alegria do it. E conformar-se não como vencida mas num allegro com brio. (LISPECTOR, 1998, p. 93-94)

Talvez seja essa uma das grandes contribuições de Nietzsche e Clarice: ainda que cada qual tenha escrito passagens bem distintas, dedicado-se a campos diferentes da criação humana, visto paisagens diversas, afirmado e amado a vida por perspectivas múltiplas, esses dois artistas da linguagem e do pensamento se encontram nesse desejo trágico de afirmar, de forma incondicional e sem reservas, as “paisagens terrenas”, agora no plural, posto que se apresentam de formas particulares em cada um, mas, ainda assim, acabam se entrecruzando por meio de um mesmo adjetivo. Essa qualificação, em última instância, capta, tanto em Nietzsche como em Clarice, uma força maior, chamada alegria. É a alegria, impulso vital, que permite o encontro e o contágio com e desses textos, porque eles são em alguma medida o testemunho do fracasso, do silêncio e da precariedade, mas, por outro lado, também encenam a

construção, a música e a força de mãos, braços, pernas, bocas, vísceras, que não cansam de tentar inventar um território da alegria, força revolucionária que nos faz desejar mais uma vez este mundo aqui e agora, onde ainda podemos dizer *Sim*.

EARTHLY LANDSCAPES: NIETZSCHE AND CLARICE LISPECTOR

ABSTRACT

In one of the chapters from the book **Thus spoke Zarathustra**, Nietzsche says, through his character Zarathustra, that loving a landscape should be a possible privileged view that a man could have about a singular place he loves. Nietzsche says: "We do not want to enter the kingdom of heaven: we have become men, so we want the kingdom of earth". This statement brings into question our "fidelity to the earth", something so peculiar for Nietzsche in different moments of his theories, as we can see in **The gay science** and **Twilight of the Idols**. Similarly to this tragic thought, which can be related to our body, feelings like loving a tangible and material world, and the tragic joy in the face of our existence, Clarice Lispector's writings seem to represent, as well, something that leads to the same direction as Nietzsche does. In **The passion according to G.H.**, the writer, through a specific character, guides the reader through an earthly landscape that seems to be heaven. This kind of redemption eliminates everything that is beyond this world. In Clarice Lispector, as in Nietzsche, there is the defense of the body, of the *amor fati*, and the fidelity to a real and tangible world. The dialogue between the German philosopher and the Brazilian writer moves further in order to permit the access of similarities between the two authors, who believed in an earthly experience that is related to joy and reveals, in this sense, a strong revolutionary power for those who select an earthly landscape as an image of the sacred.

Keywords: Clarice Lispector. Nietzsche. Tragic thoughts.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. **Conversações (1972-1990)**. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: 34, [1972-1990]1992.

GOTLIB, Nádia Batella. **Clarice: uma vida que se conta**. São Paulo: EDUSP, 2009.

LINS, Daniel. A escrita das origens: Artaud e Nietzsche. In: PIMENTA, Olímpio; BARRENECHEA, Miguel Angel de (Org.). **Assim falou Nietzsche**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 1999. p. 121-132.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

NANCY, Jean-Luc. **Arquivada: do senciante e do sentido**. Tradução Marcela Vieira e Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: Iluminuras, 2014.

NASCIMENTO, Evando. **Clarice: uma literatura pensante**. Rio de Janeiro Civilização Brasileira, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NUNES, Benedito. A escrita da paixão. In: NUNES, Benedito. **A clave do poético**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 217-230.

ROSSET, Clément. **Alegria: a força maior**. Tradução Eloísa Araújo Ribeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

SOUSA, Carlos Mendes de. **Clarice Lispector: figuras da escrita**. São Paulo: IMS, 2000.

Recebido em: 11/06/2015

Aceito em: 09/05/2016